

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.049

Domingo, 23 de Abril de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º e 3.º — LISBOA — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Talhaga-Lisboa. Telefones 5339-0

Officina de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

No tablado nacional...

Considerando especialmente que o povo português carece de substituir, sem demora, as actuais instituições políticas por outras diversas, de «feição republicana», graças às quais o «governo» pertença à nação e não a uma família, casta, grupo ou classe privilegiada e seus aderentes...

Afonso Costa.

O que significa, por exemplo, que, tendo-nos sido roubadas todas as liberdades, o regime e os seus servidores busquem, numa ânsia doída, o por um dia, a avalanche enorme de democracia que inunda de luz os espíritos ainda os mais apegados às velhas fórmulas sociais?

Luís Derouet.

O perigo enorme vem daí. Meio milhão de esfarrapados, com este general — a Fome, tornam-se invencíveis.

Guerra Junqueiro.

que traficam com a nossa miséria, com a nossa honra, com a nossa ignorância, com a nossa indolência. Numa hora de sinceridade e de rebeldia, a massa produtora protesta das galerias das suas indignações e agonias, abalando todo o edifício das torpezas sociais. A orquestra, no intuito de aplacar a tempestade pública, que não desarma da sua pata de inerte, toca as sinfonias do embuste, da larcha, da antiga safaridania das providências já mais postas em prática.

Os tocadores... patrióticos metem a viola no saco e a Revolta, insinuando-se nas nossas crenças nas possibilidades de que o povo português encontraria um pouco mais de felicidade na miséria-segna republicana.

É na sua velocidade colossal e cada vez mais impetuosa, arrastada de venci- mento, numa acção centripeta desoladoramente conservadora, todas as esperanças, os sonhos, de fé e de entusiasmos ornamenta- dos com as nossas crenças nas possibilidades de que o povo português encontraria um pouco mais de felicidade na miséria-segna republicana.

A ideia do processo nacional, ressur- ge, entre ovacões empolgantes de retrocessos capitalistas e fanáticos, a cruz enxada à espada, entre cânticos duma necessária aproximação para que o proletariado, aspirante a um mundo melhor de felicidade e de liberdades, mais facilmente possa ser domado, ver- gado, torcido, no que lhe tem de mais sagrado: nos seus legítimos direitos de existência livre.

E num grande movimento teatral, de danças e contra-danças, em que os va- riados coros à patrão se elevam até às nuvens agudas das atropalhadas máxi- mas, em que os mais diferentes compa- ras à luz das gambiarras da tirania mos- tram as suas fealdades dirigentes e das ladroinhas — juntam-se, mesclam-se, de- monstrem, radicam-se, moderam-se e jesu- itam no mesmo elo de solidariedade, por- que acima de tudo estão as castas pre- dominantes, estão os senhores da «gran- de Pórcia», da alta finança, do alto co- mércio, da alta indústria e dos altos poderes do Estado e da militância reli- giosa...

O povo português, aquele povo que trabalha, aquele povo que sua e é mar- tizado, ferido nos seus sentimentos e ludibriado na sua ingenuidade, faz troar a mais fenomenal patacada contra os arlequins disfarçados de messias, de liberais, de avançados, de anti-clerical- es, de amigos do povo... só para o chupa- rem.

O povo vê que a feição republicana é uma etiqueta de rendido variado. O go- verno não pertence à nação mas, co- mo outrora, a uma família, a umas cas- tas, a uns grupos, às classes privilegia- das e seus aderentes, que levam vida regalada entre banquetes e riquezas e

A Primavera A Conferência de Génova

Ainda o tratado germano-russo — Declarações dos russos

O ar é morno e caricioso como um beijo. O sol sorri, um sorriso luminoso e sedutor. Há em toda a Natureza um quê de alegria, de que se irradia e se comunica à alma das cousas. Cantam as aves ingé- nuas nos ramos novos, nos ramos verdes e frescos, e entre as flores singelas de colorido lindo.

O espírito de alegria que se vê em tudo, nas plantas floridas e nos animais contentes, parece obe- decer a uma ordem misteriosa — que se presente no perfume per- turbante, no sol carinhoso e quente, nos insectos minúsculos esvoa- çando no azul.

Passa uma borboleta branca, arrastada, a doída, pela brisa subtil. Lembra uma flor clara, arrancada da haste terna e lan- çada ao ar, ao acaso. Lá vai ale- gre, agitada, nervosa, no seu vôo largo, mais incerto... E eu, deli- ciado, sigo com a vista os seus caprichos encantadores.

— Porque vós assim, tam ale- gre, de ramo em ramo, de flor em flor, o borboleta branca? Que força oculta é essa que te arrasta doidamente no azul macio deste céu admirável?

A mariposa branca, pairando num momento junto duma olaia florida, marmurou, feliz:

— É a Primavera... É a Pri- mavera...

Abalou, agitando ao acaso as azas brancas. E subiu, subiu mu- to alto, como se, no seu louco es- voaçar, quizesse atingir o sol rui- tante e dominador...

Pensei longamente nessa força impetuosa que transforma a terra triste e desolada num paraíso belo, onde canta exuberante a alegria de viver...

— Olai elegante! quem te co- priu com esse manto divino de florinhas roxas, onde a luz é con- tente de brincar e de te envolver nessa diáfana poeira de ouro que encanta?

Agitando um pouco o seu man- to roxo, inclinando, num gesto gracioso, o tronco esbelto entume- scido de seiva fresca, como um corpo de adolescente pleno de sangue novo, a olaia elegante res- pondeu hum sópro:

— É a Primavera, a divina Pri- mavera!

Há um coro, duma música lan- çada em toda a Natureza. A voz do ribeiro, que desliza suave en- tre as verduras frondosas que o protegem da carícia violenta da luz, ergue-se mais alto.

Aproximo-me do ribeiro, atraído pelo seu hino triunfal.

— Que cantas, com tanta ale- gria e graça, ribeiro ingénuo de epiderme lisa?

— Que canto? Canto a Prima- vera, a deusa imortal que me dá a calma dos dias dourados e as florinhas que vem mirar-se no meu dorso polido!

No prado extenso as ovelhas pastam, acarinadas pelo sol. Cor- rem umas sobre outras em ruidos- as carreiras, lembrando crianças brincando. Uma ovelha branca do robano está a meus pés; fita em mim o seu olhar doce, quasi hu- mano.

E perguntei-lhe:

— Porque brincas tam desci- dada e alegre, ovelha branca do robano? Quem te emprestou essa alegria estonteante?

— Foi a Primavera, que rever- desce o prado e faz a herba sabo- rosa e fresca!

Encantado, voltei-me então pa- ra os malmequeres do oiro, para as papoilas rubras, para as cardos floridos e para as andorinhas que se perdem no horizonte alto em vôos largos e scéleres para o sol fugazmente e para as sombras cariciosas — e perguntei:

— Quem vos deu tanta beleza e sedução? Quem dourou os mal- mequeres e pintou as papoilas de vermelho; quem deu ao cardo ari- do o mimo duma flor e aos cam- pos vastos as andorinhas incansa- veis, ao sol o brilho da sua luz e à sombra a delícia da sua frescu- ra, quem?

Responderam todos num coro vibrante e luminoso:

— A Primavera! A Primavera!

Ainda o eco não tinha levado os quatro cantos do horizonte a palavra divina que toda a Natu-

A carestia da vida continua dia a dia acentuando-se cada vez mais. Os especu- dores continuam enriquecendo, aumentando, incessantemente, as dificuldades econô- micas dos trabalhadores.

A Conferência de Génova

Ainda o tratado germano-russo — Declarações dos russos

Por declarações feitas à imprensa in- ternacional, os delegados dos Soviéticos à Conferência de Génova, explicaram as razões porque a Rússia assinou o acordo de 16 de abril com a Alema- nha.

Litvinoff insistiu sobretudo no facto da Rússia dos Soviéticos ter já concluído acordos com a Polónia, a Filandia, a Estónia, a Letónia, a Turquia, a Pérsia, a Suécia, a Inglaterra e a Itália.

«Não compreendemos, afirmou Litvinoff, a surpresa testemunhada ao conhe- cer-se o nosso acordo com a Alemanha. Na verdade desde 1918 que negociamos com a Alemanha. A Alemanha reco- nheceu a Rússia dos Soviéticos pelo tra- tado de Brest-Litovsk e se os repre- sentantes da Rússia foram expulsos de Berlim, no fim desse ano, voltaram em seguida após a morte do conde Mirbach: os alemães queriam receber deslizes numa forma inaceitável para nós; por fim, os alemães preferiram não falar mais no caso e as negociações reata- ram-se. E chegaram a bom termo, nestes últimos dias, quando da nossa passagem por Berlim.

«O texto do acordo incriminado foi redigido em Berlim onde o sr. Rathenau nos declarou que o não podia re- ferendar sem o assentimento do con- selho de ministros alemão.

«Ora, este conselho, não se tendo po- dido reunir antes da nossa partida de Berlim, teve que esperar pela nossa passagem para Génova afim de o as- sinarmos.

Litvinoff afirmou que o tratado ger- mano-russo foi publicado na íntegra e que não o acompanha qualquer con- venção militar.

Por outro lado, Rakowsky, declarou o encontro com os jornalistas es- trangeiros, que a Rússia quis fazer com a França um acordo análogo ao ger- mano-russo, mas que a França re- peliu.

O que dizem os alemães

Um redactor da Agência Rádio numa entrevista com uma alta personalidade alemã, chegou a declarar: Wirth e Rathenau, obtiveram as seguintes declarações:

«A delegação alemã surpreendeu-se ao saber que o sr. Lloyd George acu- sava a Alemanha de deslealdade por ter concluído um tratado com os rus- sos, porque o governo inglês ha muito tempo estava informado de se terem embebado negociações em Berlim, en- tre a Alemanha e a Rússia, com o fim de chegar a este acordo. Do mesmo modo não deve surpreender o facto de este tratado, que aliás já estava reali- zado nas suas linhas gerais antes da conferência de Génova, ser concluído e assinado na noite de domingo pelos seguintes motivos:

«A Alemanha há quatro dias que se via excluída das conversações frequen- tes entre as potências ocidentais e a França.

Tinha a Alemanha razões para pen- sar que, durante estas negociações, os interesses alemães estavam sabriamente amparados de serem por completo sa- crificados. Com efeito, é absolutamente verdadeiro que a Itália tinha a delega- ção alemã ao corrente dos resultados destas negociações, mas é igualmente verdadeiro que a Alemanha tinha cla- ramente declarado não poder renunciar a defender os seus interesses como na- ção mais favorecida e à redução das suas dívidas.

Sobre estas questões, a Alemanha nunca recebeu a menor garantia. Alem- disso, a Alemanha sabia muito bem que as potências ocidentais, e sobretudo a França, inspiradora das negociações, iam concluir com a Rússia um acordo em que por completo seriam sacrificados os interesses alemães. A Alemanha viu-se, portanto, na dura necessidade de apressar as suas negociações com os russos.

O que diz a imprensa inglesa

Segundo o Morning Post: «O tratado entre a Alemanha e a Rússia é uma verdadeira intimação aos aliados, e significa que a Alemanha e a Rússia bolchevista estão prontas a uti- lizar a completa liberdade diplomática com o fim de concluir acordos intera- cionais independentes do tratado de Ver- meil, ou de qualquer outro regulamen- to entre os aliados. O tratado rebentou entre o povo inglês como um obuz e provocará por certo, meditações muito desagradáveis. Resta saber que signifi- cação política precisa ligam os alemães ao supradito tratado, o qual constitui para nós um foliar de Pascoa, de cujo conteúdo não gostamos.

Pera o Morning Post, hoje mais do que nunca, depende da manutenção do completo acordo entre a Grã-Bretanha e a França, que o tratado de Rapallo não seja o ponto de partida de uma apro- ximação podendo conduzir a uma guerra de revanche.

Se a Entente se mantiver intacta e completa, o tratado será um sucesso di- plomático puro e simples; mas se as duas potências se conservarem divididas, o perigo será terrível. O sr. Lloyd George já confessou que se tinha enganado a respeito da Alemanha de antes da guer- ra. Enganar-se há agora também? As consequências deste segundo erro pode-

Notas e Comentários

Entre jornalistas...

O sr. Paulo Freire (Mário) foi indicado oficialmente para ir a bordo do *Carvalho Araújo*, fazer a re- portagem para todos os jornais da últi- ma etapa do raid Lisboa-Rio de Janeiro. Ao jornalista e seu amigo de 25 anos, Noberto de Araújo não agradou o caso e fundamentou num *eco* do *Diário de Lisboa* as razões da sua discordância. Salta o sr. Freire com uma réplica, no *Diário de Notícias* classificando de mi- serável insidia o referido *eco*. A esta insidia tocou a vez de se mostrar ofendido o sr. Noberto de Araújo. E o que fez este jornalista condecorado? Nada menos que enviar duas testemunhas portadoras dum desafio para duelo a sr. Paulo Freire. Cabe-nos agora a vez de discutir. O duelo é uma coisa caricata — deve- o saber o sr. Noberto de Araújo. Trocar trocas ou cruzar espadas com uma ami- zidade íntima — parece-nos uma frater- nidade idêntica à de Abel e Caim. Um jornalista deve colocar a sua pena acima de todas as armas. O contrário seria in- ferlicizá-la. Lamentamos que seja um jornalista com condecorações almoços de homenagem e tudo que dê um tam- uoi, exemplo:

O sr. Paulo Freire, recusando, proce- deu bem. Quanto à questão que entre eles foi debatida, não a discutimos, por- que ela merece-nos um interesse secundário...

TRABALHADORES, LÊDE A NOVELA VERMELHA

Volta a falar-se duma revolução. Circulam livremente pela cidade os no- mes que a cheffam e os portadores desses nomes. Conhece-se o seu pro- grama, que oculta, sob um radicalismo pleno de promessas, umas ambições in- dividuais que anseiam pelo Terreiro do Paço e pela dilatação dos seus ven- turos...

Em Lisboa, a sua fome e a sua desventura uma professora de ensino primário. Aban- donada de tudo, desprotegida por to- dos, não tem com que se alimentar, não tem onde morar e dormir. Ora di- gam-nos se não vivemos num esplên- dido país: os taberneiros gordos e prósperos, os analfabetos constituindo maioria e os professores estorranlo de fome e de desespero...

Sanidade pública

Segundo o boletim de sanidade in-terna, durante a semana finda em 15 do corrente, manifestaram-se em Lisboa 4 casos de difteria, 3 de febre tifóide, 1 de meningite e 11 de varíola.

A VIAGEM AÉREA

Lisboa-Rio de Janeiro

O hidro-avião Fairey 16 se- rá conduzido a bordo do navio que mais cedo possa chegar a Fernan- do de Noronha

A firma Orey Antunes & C.ª, officio ao sr. ministro da marinha, comunican- do que telegrafara ao comandante do vapor *Cap Polónio*, para levar o hidro-avião aos Penedos de S. Pedro. Este informa que com bastante pena não o pode levar visto as condições do navio não se prestar para conduzir o referido aparelho. A mesma firma oferece trazer gratuitamente a bordo de um dos seus melhores vapores os bravos aviadores do Brasil para Lisboa.

Não está ainda assente definitivamente se será o cruzador *Carvalho de Arau- jo*, o navio que há de conduzir o hidro-avião, por quanto o sr. ministro da marinha teve a oferta da casa Pinto, Soto Maior, para conduzir o aparelho a bordo do vapor *Bage*, que chega a Leixões, tendo partido para ali o capiti- teneute engenheiro construtor naval sr. Teodoro da Costa e o 1.º tenen- te engenheiro maquinista especialista em motores de aviação sr. José Augusto Marques, a fim de verificarem se o na- vio tem condições para transportar o aparelho. O *Bage* deve chegar ao Tejo no dia 26 do corrente e ainda depois de se verificar também qual dos dois barcos chegará primeiro aos Penedos é que se resolverá o assunto.

TRABALHADORES, LÊDE A BATALHA

Sanidade pública

Segundo o boletim de sanidade in-terna, durante a semana finda em 15 do corrente, manifestaram-se em Lisboa 4 casos de difteria, 3 de febre tifóide, 1 de meningite e 11 de varíola.

TRABALHADORES, LÊDE A NOVELA VERMELHA

Volta a falar-se duma revolução. Circulam livremente pela cidade os no- mes que a cheffam e os portadores desses nomes. Conhece-se o seu pro- grama, que oculta, sob um radicalismo pleno de promessas, umas ambições in- dividuais que anseiam pelo Terreiro do Paço e pela dilatação dos seus ven- turos...

Em Lisboa, a sua fome e a sua desventura uma professora de ensino primário. Aban- donada de tudo, desprotegida por to- dos, não tem com que se alimentar, não tem onde morar e dormir. Ora di- gam-nos se não vivemos num esplên- dido país: os taberneiros gordos e prósperos, os analfabetos constituindo maioria e os professores estorranlo de fome e de desespero...

Sanidade pública

Segundo o boletim de sanidade in-terna, durante a semana finda em 15 do corrente, manifestaram-se em Lisboa 4 casos de difteria, 3 de febre tifóide, 1 de meningite e 11 de varíola.

TRABALHADORES, LÊDE A NOVELA VERMELHA

Volta a falar-se duma revolução. Circulam livremente pela cidade os no- mes que a cheffam e os portadores desses nomes. Conhece-se o seu pro- grama, que oculta, sob um radicalismo pleno de promessas, umas ambições in- dividuais que anseiam pelo Terreiro do Paço e pela dilatação dos seus ven- turos...

Em Lisboa, a sua fome e a sua desventura uma professora de ensino primário. Aban- donada de tudo, desprotegida por to- dos, não tem com que se alimentar, não tem onde morar e dormir. Ora di- gam-nos se não vivemos num esplên- dido país: os taberneiros gordos e prósperos, os analfabetos constituindo maioria e os professores estorranlo de fome e de desespero...

Sanidade pública

Segundo o boletim de sanidade in-terna, durante a semana finda em 15 do corrente, manifestaram-se em Lisboa 4 casos de difteria, 3 de febre tifóide, 1 de meningite e 11 de varíola.

TRABALHADORES, LÊDE A NOVELA VERMELHA

AS GREVES

Operários da indústria mobiliária

NOTA OFICIAL

Decorridas cinco semanas de luta para conquista do mais um pouco de pão e salvaguarda da nossa dignidade, vemos os nossos verdugos com mais uma armadilha quíntupla, no sentido de nos atomizarem.

Os reis do mobiliário, depois de terem amachucado em parte os pequenos industriais, pretendem, agora, que já não temem que venham nos seus armazéns, forçar os seus colegas lojistas a encerrar os seus estabelecimentos, amanhã, com um duplo sentido: — o esmagamento desses lojistas e industriais e a nossa desmoralização.

Um segundo lock-out!

Este comité pode assegurar-vos mais um fiasco patronal!

Não só falhará o burlesco lock-out, porquanto patrões há que reem claro o jogo nefando dos seus amigos dos diabos, como ainda porque da nossa parte tanto importa estar em greve com as lojas abertas como com elas fechadas!

Mais do que nunca sentimos próxima a vitória, que há de coroar os esforços que temos expendido!

Derrotados desta greve sairão simplesmente aqueles que, por comodidade ou maldade, façam o jogo de quem só procura aniquilá-los! Omo no primeiro dia, com o entusiasmo de quem nobremente tem sabido lutar, bradai ainda:

Viva a greve!

Abaixo a exploração!

O comité central

Hoje, assembleia às 14 horas.

NA PÓVOA DE VARZIM

Operários alfaiates e da construção civil

PÓVOA DE VARZIM, 20.-C.-As greves da construção civil e alfaiates tiveram ontem o seu «verme». A greve dos alfaiates, desde quinta-feira última, tinha chegado a uma nova fase.

Tendo reunido os industriais de alfaiates, deliberaram aqueles cujo pessoal trabalha por peça, conceder um aumento de 40 %, mas como os restantes industriais não quisessem fazer um aumento proporcional ao 40 %, a classe reunida resolveu tototar o trabalho nas casas de peça, ficando em greve as casas de dia, mas a greve nestas casas poucas dias mais durou, visto os industriais terem mandado chamar os operários para

Cooperativa dos Catrairos do Porto de Lisboa

O seu aniversário

Passado no dia 1.º de Maio o 2.º aniversário desta Cooperativa, electiva no dia 30 do corrente, na sua sede, um lance às crianças que frequentam a escola de Porto Brandão, uma sessão solene e distribuição de donativos, de 3000 contos, a 30 necessitados, para a qual recebemos 4 senhas, que em nome dos contemplados agradecemos.

No dia 1 de Maio haverá um picnic na explanada do Lazareto, em Porto Brandão, sessão solene no edifício da escola e distribuição de brindes às crianças mais aplicadas durante o ano.

O conflito gráfico do «ABC»

Nota da Direcção da Associação dos Impressores Tipográficos

Continua sem solução o conflito entre a empresa do «ABC» e o seu quadro tipográfico, e se ainda não a teve é devido à deslealdade de Ernesto Correia e Francisco Direitinho, que, para sustentar o seu feio e ignominioso penacho, não duvida em abdicar dum sentimento que todo o homem deve prezar e que se chama dignidade.

Assim é que esse consciente traidor, que por ironia se chama Direitinho, não tem dúvida em renegar afirmações, e arvorar-se em aliado de traidores que como ele não tinham moral e se prestam a traí-las camaradas que precisam de trabalhar para comer.

Esta Direcção, mais uma vez previne o impressor que foi aliado a não se prestar a ser conivente de um indigno traidor, visto que não só está traíndo camaradas conscientes, mas também em muito poderá concorrer para aumentar a já precária situação da classe, e portanto para o seu próprio mal estar.

Outro «raid»

Da fábrica às vossas mãos

Ninguém ignora que a forma de comprar bom e barato é comprar directamente ao fabricante.

Os fabricantes Don S. da Góvilha, abrimos nesta capital, a exemplo do que já fizemos no Porto, um depósito na rua dos Fanqueiros, n.º 187, 2.º, onde vendem directamente ao público qualquer quantidade das suas esplêndidas fazendas de lã e estambré para fatos e vestidos, com diferenças de 30 a 40 %.

Antes de fazerem as suas compras consultem os preços desta casa.

Depósitos da mesma casa no Porto: rua Elias Garcia, 118, 2.º, e rua Fernandes Tomás, 392-A.

rejeitar o trabalho com os 40 por cento de aumento, o que estes fizeram na passada terça-feira.

O operário da construção civil também retomou o trabalho no dia 18 do corrente, com um aumento de oitenta centavos. No dia 15 tinha recebido novamente a classe, para apreciar o resultado das várias demarches da sua comissão de melhoramentos.

O administrador do concelho tinha convidado novamente uma comissão de industriais e a comissão operária para se reunirem na administração do concelho para procurar uma plataforma que harmonizasse as partes em litígio. Depois de várias discussões, a maioria dos industriais resolveu aceitar a proposta da autoridade administrativa, pela qual seria concedido um aumento de oitenta centavos.

Como a comissão operária não levava poderes da classe para resolver o assunto em definitivo, veio submeter à apreciação da classe a proposta do administrador, efectuando-se a reunião no dia 15, como acima fica dito.

Aberta a sessão sob a presidência do camarada Bernardino Gomes Leite, a comissão de melhoramentos dá conta dos seus trabalhos, apresentando à sanção da assembleia a proposta da autoridade administrativa.

Depois de várias discussões foi aprovada por maioria, sendo resolvido rejeitar o trabalho nas obras dos industriais que aprovaram a mesma proposta, ficando o restante pessoal em greve até que os restantes industriais dessem o mesmo aumento.

Na terça-feira, quando os operários se apresentaram para retomar o trabalho, os industriais que no sábado anterior tinham aceitado a proposta do administrador, começaram a declarar que se algum seu colega não desse o aumento que eles também não davam.

Esperavam que os operários retomassem o trabalho ficando gorada a sua reclamação. Mas não sucedeu assim. Os operários, em face da canalhice dos industriais, não retomaram o trabalho, começaram a juntar-se na Praça da Almada, tendo percorrido várias obras comunicando a falta de dignidade dos industriais, e aqueles que tinham retornado o trabalho por desconhecimento a atitude dos industriais, abandonaram-no novamente.

Os industriais, em face da lição de moral que os operários lhes deram, resolveram conceder-lhes o aumento de 80 centavos, tendo retornado o trabalho os operários de todos os industriais. O «truc» não deu o resultado que os industriais esperavam; os operários saíram-lhes mais conscientes do que eles supunham.

A todos os camaradas as nossas saudações pela vitória alcançada.

O Conselho Técnico da Construção Civil, segundo informações colhidas, breve vai entrar em actividade. Ao ser um facto a existência deste organismo, para o bom nome da organização sindical é preciso que todos os operários que venham a exercer a sua profissão em trabalhos entregues ao conselho técnico cumpram com os seus deveres profissionais, e que em todos os trabalhos haja a máxima harmonia entre todos os cooperadores, de forma que o conselho técnico, ao dar por concluído qualquer trabalho, o faça de forma a merecer prestígio e se possa impor à consideração de todos.

Vendedores ambulantes

Realiza-se hoje às 20 e meia horas a festa do aniversário do Sindicato dos Vendedores Ambulantes instalado na rua do Bemforno, n.º 150, 2.º. Estão convidadas a fazer representações a U. S. O., C. G. T., F. C. C. O nosso camarada de redacção Cristiano Lima realiza uma palestra.

A Novela Vermelha

Julio Quintinha, o apreciado autor dos Vizinhos do Mar, publicou na interessante colecção da Novela Vermelha, editada pela Secção Editorial da Batalha, uma novela encantadora, cujo título sugestivo — Dor Vitoriosa — excita a curiosidade do leitor.

Dor Vitoriosa que é o 10.º trabalho com que fecha a primeira série de A Novela Vermelha, encontra-se à venda na nossa administração, livrarias e tabacarias.

Associação Anti-Bloedica Operária

Na próxima terça-feira, 25, realiza-se na sede desta Associação, Calçada do Combro, 38 A, 2.º, uma sessão de propaganda anti-alcoólica, para a qual já contam com valiosos elementos, tais como: Leon de Castro, Luciano Silva, Frederico Serra, Inácio Marques e outros.

É de esperar que o operariado ocorra em grande número a esta sessão, pois é a primeira que se realiza, após a perseguição de que foram vítimas vários dos seus militantes o que obteve assim a que há mais tempo ela e muitas outras se tivessem realizado.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grémio Lafonense. — Hoje, pelas 21 horas, grandioso baile, abrilhantado por um magnífico quinteto.

Grupo Dramático Sacavém. — Reúne amanhã, às 20 horas, em assembleia geral, na calçada do Combro, 38-A, a fim de apreciar um alvitre da comissão organizadora.

Grupo Recreio Excursionista União dos Desunidos. — Realiza-se amanhã, pelas 20 horas, uma festa de homenagem ao presidente da direcção deste Grupo, sr. Manuel da Silva, levando a efeito por uma comissão de sócios, que conta com o valioso concurso da Troupe Bandolinista «Os Silvas».

LEDE

A Novela Vermelha

Pessoal demitido da Carris de Ferro

Comissão Pró-Sede

Continuou ontem esta comissão na liquidação das importâncias que tinha, em seu poder, tendo atingido já as entregas a quantia de 10.000\$00, lembrando-se a todos os camaradas que ainda não liquidaram que esta comissão continuará a liquidar as importâncias em seu poder todos os sábados, das 14 às 20 horas.

Por lapso veio ontem publicado que esta comissão tinha já entregue 68.000\$00, quando devia ser 8.000\$00.

Auxílio pró-demitidos

Alem de 86\$50 que já foram distribuídos em 11 do corrente, pelos camaradas mais necessitados, foram entregues ontem no Sindicato as seguintes importâncias: da Liga das Artes de Vição Portuense, quete, 70\$00, do cofre 30\$00; de diversos camaradas que se encontram ao serviço, 1.218\$05; total 1.318\$05, importância esta que será distribuída amanhã, segunda-feira, 24, pelas 16 horas. Na importância de 86\$50 acima mencionada e já distribuída, está incluída a de 30\$00 enviada pela Associação de Classe dos Manipuladores de Pão.

A comissão de melhoramentos deve procurar amanhã o governador civil para ser informada do que aquela entidade tem conseguido pró-requisição dos demitidos.

Lembra-se a todos os camaradas que ainda se encontram no Limoeiro, Grupo C, 6, camaradas e que a hora da visita é das 12 às 14 horas.

Já se encontra à venda

O 2.º número de

A Lanterna

SEMANARIO ANTI-CLERICAL

Peçam-na aos vendedores e nas tabacarias

Agressão

Romão Rodrigues Carvalhada, de 45 anos, casado com Valentina Perpetua, natural e residente na freguesia de Macieira, concelho de Fornos de Algodres é um pequeno proprietário que antecorreu andava em companhia de um seu filho Antonio Rodrigues, de 15 anos, numas terras que arrandou apascentando umas ovelhas que lhe pertenciam.

A certa altura aproximaram-se do rebanho dois indivíduos residentes na mesma localidade, Francisco Hilario, de 20 anos, e José Rodrigues, de 18 anos, ambos trabalhadores, os quais propuzeram ao Romão a venda de uma borrega pela qual este pediu a importância de 20 escudos. Como os trabalhadores não fossem munidos da importância exigida, o Romão recusou-se a fazer o negócio, valendo-lhe a recusa por bárbaramente agredido à cacetada.

Aos gritos do filho compareceram alguns cabos e o regeador que prendeu os agressores, e fizeram conduzir o ferido para Lisboa a fim de recolher ao hospital de S. José.

Chegado a este estabelecimento foi observado pelo cirurgião de serviço sr. Medeiros de Almeida, que verificou que o ferido apresentava graves contusões pelo corpo e a perna direita fracturada com complicação de ferida, pelo que depois de operado recolheu à sala de observações.

MÚSICA

Concerto sinfónico no Coliseu dos Recreios

O programa do concerto sinfónico que hoje se realiza no Coliseu dos Recreios é o seguinte:

1.ª parte: Marcha (século XIX), Carlos Gomes; Abertura (século XVIII), Frei José Marques; Hymno (transcrição de Rui Coelho); 2.ª audição (século XVI), Damiao de Góis; Guarany, Carlos Gomes; 2.ª parte: Abertura, Teófilo Saguer; Rapsódia Slava, David de Sousa; Sábres temes do povo, Rui Coelho; 3.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 4.ª audição; 5.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 6.ª audição; 7.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 8.ª audição; 9.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 10.ª audição; 11.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 12.ª audição; 13.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 14.ª audição; 15.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 16.ª audição; 17.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 18.ª audição; 19.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 20.ª audição; 21.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 22.ª audição; 23.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 24.ª audição; 25.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 26.ª audição; 27.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 28.ª audição; 29.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 30.ª audição; 31.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 32.ª audição; 33.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 34.ª audição; 35.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 36.ª audição; 37.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 38.ª audição; 39.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 40.ª audição; 41.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 42.ª audição; 43.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 44.ª audição; 45.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 46.ª audição; 47.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 48.ª audição; 49.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 50.ª audição; 51.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 52.ª audição; 53.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 54.ª audição; 55.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 56.ª audição; 57.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 58.ª audição; 59.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 60.ª audição; 61.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 62.ª audição; 63.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 64.ª audição; 65.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 66.ª audição; 67.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 68.ª audição; 69.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 70.ª audição; 71.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 72.ª audição; 73.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 74.ª audição; 75.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 76.ª audição; 77.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 78.ª audição; 79.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 80.ª audição; 81.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 82.ª audição; 83.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 84.ª audição; 85.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 86.ª audição; 87.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 88.ª audição; 89.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 90.ª audição; 91.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 92.ª audição; 93.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 94.ª audição; 95.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 96.ª audição; 97.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 98.ª audição; 99.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 100.ª audição; 101.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 102.ª audição; 103.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 104.ª audição; 105.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 106.ª audição; 107.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 108.ª audição; 109.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 110.ª audição; 111.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 112.ª audição; 113.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 114.ª audição; 115.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 116.ª audição; 117.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 118.ª audição; 119.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 120.ª audição; 121.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 122.ª audição; 123.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 124.ª audição; 125.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 126.ª audição; 127.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 128.ª audição; 129.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 130.ª audição; 131.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 132.ª audição; 133.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 134.ª audição; 135.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 136.ª audição; 137.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 138.ª audição; 139.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 140.ª audição; 141.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 142.ª audição; 143.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 144.ª audição; 145.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 146.ª audição; 147.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 148.ª audição; 149.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 150.ª audição; 151.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 152.ª audição; 153.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 154.ª audição; 155.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 156.ª audição; 157.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 158.ª audição; 159.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 160.ª audição; 161.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 162.ª audição; 163.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 164.ª audição; 165.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 166.ª audição; 167.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 168.ª audição; 169.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 170.ª audição; 171.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 172.ª audição; 173.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 174.ª audição; 175.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 176.ª audição; 177.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 178.ª audição; 179.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 180.ª audição; 181.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 182.ª audição; 183.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 184.ª audição; 185.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 186.ª audição; 187.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 188.ª audição; 189.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 190.ª audição; 191.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 192.ª audição; 193.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 194.ª audição; 195.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 196.ª audição; 197.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 198.ª audição; 199.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 200.ª audição; 201.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 202.ª audição; 203.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 204.ª audição; 205.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 206.ª audição; 207.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 208.ª audição; 209.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 210.ª audição; 211.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 212.ª audição; 213.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 214.ª audição; 215.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 216.ª audição; 217.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 218.ª audição; 219.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 220.ª audição; 221.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 222.ª audição; 223.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 224.ª audição; 225.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 226.ª audição; 227.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 228.ª audição; 229.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 230.ª audição; 231.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 232.ª audição; 233.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 234.ª audição; 235.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 236.ª audição; 237.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 238.ª audição; 239.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 240.ª audição; 241.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 242.ª audição; 243.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 244.ª audição; 245.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 246.ª audição; 247.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 248.ª audição; 249.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 250.ª audição; 251.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 252.ª audição; 253.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 254.ª audição; 255.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 256.ª audição; 257.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 258.ª audição; 259.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 260.ª audição; 261.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 262.ª audição; 263.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 264.ª audição; 265.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 266.ª audição; 267.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 268.ª audição; 269.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 270.ª audição; 271.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 272.ª audição; 273.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 274.ª audição; 275.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 276.ª audição; 277.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 278.ª audição; 279.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 280.ª audição; 281.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 282.ª audição; 283.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 284.ª audição; 285.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 286.ª audição; 287.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 288.ª audição; 289.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 290.ª audição; 291.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 292.ª audição; 293.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 294.ª audição; 295.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 296.ª audição; 297.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 298.ª audição; 299.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 300.ª audição; 301.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 302.ª audição; 303.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 304.ª audição; 305.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 306.ª audição; 307.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 308.ª audição; 309.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 310.ª audição; 311.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 312.ª audição; 313.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 314.ª audição; 315.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 316.ª audição; 317.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 318.ª audição; 319.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 320.ª audição; 321.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 322.ª audição; 323.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 324.ª audição; 325.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 326.ª audição; 327.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 328.ª audição; 329.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 330.ª audição; 331.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 332.ª audição; 333.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 334.ª audição; 335.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 336.ª audição; 337.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 338.ª audição; 339.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 340.ª audição; 341.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 342.ª audição; 343.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 344.ª audição; 345.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 346.ª audição; 347.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 348.ª audição; 349.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 350.ª audição; 351.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 352.ª audição; 353.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 354.ª audição; 355.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 356.ª audição; 357.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 358.ª audição; 359.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 360.ª audição; 361.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 362.ª audição; 363.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 364.ª audição; 365.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 366.ª audição; 367.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 368.ª audição; 369.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 370.ª audição; 371.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 372.ª audição; 373.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 374.ª audição; 375.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 376.ª audição; 377.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 378.ª audição; 379.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 380.ª audição; 381.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 382.ª audição; 383.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 384.ª audição; 385.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 386.ª audição; 387.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 388.ª audição; 389.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 390.ª audição; 391.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 392.ª audição; 393.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 394.ª audição; 395.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 396.ª audição; 397.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 398.ª audição; 399.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 400.ª audição; 401.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 402.ª audição; 403.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 404.ª audição; 405.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 406.ª audição; 407.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 408.ª audição; 409.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 410.ª audição; 411.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 412.ª audição; 413.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 414.ª audição; 415.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 416.ª audição; 417.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Afonso Lopes Vieira); 418.ª audição; 419.ª parte: Crisafel, elegia (poema de Af

A BATALHA no Porto

No Teatro Carlos Alberto, os ferroviários do M. e D. realizam uma importante sessão de propaganda, que redundou num verdadeiro comício. — A ela assistem representantes do S. S., C. P. e C. F. P. P. e F. — O entusiasmo e as afirmações revolucionárias

PORTO, 21. — No Teatro Carlos Alberto, efectuou-se ontem, quinta-feira, uma sessão de propaganda ferroviária, a que assistiram igualmente muitos operários de diferentes classes. Perto das 21 horas e meia, quando a assistência já era numerosa, vendo-se nos camarotes algumas pessoas de representação social, o camarada Adriano Monteiro, presidente da União Ferroviária, avança ao proscénio e convida para presidir o velho militante Serafim Cardoso Lucena, a quem encalça as qualidades de lutador operário.

Depois de recebido com uma vibrante salva de palmas, Serafim C. Lucena principia por dizer que, embora integrado no movimento operário e absolutamente de acordo com os princípios sindicais revolucionários, reconhece que a presidência não lhe devia pertencer, por não ser ferroviário, tanto mais que ali dentro havia outros camaradas com mais capacidade mental. Faz o elogio de Miguel Correia e desdenha, porque, sendo já conhecido na sua classe e mesmo em todo o país, eleva-se pelos seus próprios actos, pela própria acção de revolucionarismo sincero, desinteressado, não só entre os ferroviários portugueses, como dentro da organização geral do operariado.

As classes operárias, por mais importantes que elas sejam na nossa sociedade, não se bastam a si próprias. O mesmo já aconteceu nas nações, ainda as mais poderosas, que vão fazendo os seus tratados e as suas alianças. Depois da hecatombe que enlutou o mundo, ainda mais reconhecido ficou que as colectividades, como o operariado, não podem repeli-las. É por isso que as classes ferroviárias não devem separar-se, mas unir-se; é por isso que os ferroviários, sendo a parte integrante dum todo, tem de juntar-se ao grande exército trabalhador, por que eles já são os seus líderes, e os seus chefes. Os operários poderão atingir a meta do seu ideal. O capitalismo vale-se de todos os meios para esmagar o proletariado. Mas ainda assim o que é mais lamentável é que se encontre pela frente os nossos próprios irmãos de sofrimento. Os verdadeiros amarelos já não são os governos, os ministros, os próprios operários; o militarismo, composto de trabalhadores, tem servido de capacho ao capitalismo, prestando-lhe serviços que não lhe competem e até afrontam a sua dignidade. Desde que o operariado, juntamente com os ferroviários, esteja unido, os governos serão impotentes para o esmagarem: ele caminhará à frente na conquista das suas aspirações e da sua liberdade.

José da Fonseca Almeida, chefe de 1.ª classe do Minho e Douro, e Domingos da Costa Quintas, dos Caminhos de Ferro do Porto à Póvoa e Famalicão, são nomeados, respectivamente, 1.º e 2.º secretários.

Adriano Monteiro fala na qualidade de presidente da União Ferroviária, tendo, em primeiro lugar, os mais gloriosos elogios a Miguel Correia. Num momento em que uma desmolação tentava desunir a classe ferroviária do M. e D., Miguel Correia foi o primeiro a dar o exemplo de revolução e sinceridade, dizer algumas verdades à classe e serem coroados os ventos do M. e D., esses que, sem dor nem dignidade, não têm o penoso a coragem de vir a uma assembleia destas desmolações convenientemente. O orador, no meio das considerações, alude a um tal Jerónimo de Paiva, avô negro que, rastejando na sombra e envolto nos mais reservados intuitos, conseguiu formar uma associação de pessoal administrativo, contra a qual os ferroviários do M. e D. devem opor a maior resistência, para que não venha a desagregar, a disórdia, a intriga, que é o que procuram os indivíduos da referida e torva colectividade. Adriano Monteiro, num discurso entusiástico, termina o seu discurso com as seguintes frases:

«Deixar prosseguir na sua nefasta acção delectada as entidades que se acobertam na associação do pessoal administrativo, é contribuir para um desastre da classe, é apagar um passado brilhante que os ferroviários têm».

Belmiro Monteiro, também do Minho Douro, depois de saudar todos os camaradas, tem palavras energéticas contra aqueles que, dentro dos caminhos de ferro, só empicilham a marcha da liberdade e procuram macular a bandeira da União Ferroviária. Em presença dos propósitos reaccionários dessa gente, os ferroviários devem demonstrar o seu valor, o seu consentimento, a sua dignidade. Referindo-se às forças vivas da nação, afirma que o operariado, onde enquadram os ferroviários, é que constitui as autênticas forças vivas do país, que são menosprezadas e exploradas pelas classes privilegiadas — devido ao que torna indispensável a união de todos os que trabalham.

Miguel Correia, que se segue, é recebido com uma verdadeira ovacão, que se prolonga por alguns minutos. Momento difícil — começa — é aquele em que se encontra, não pelas manifestações de que se acaba de ser alvo, pois é indelével a elas, mas pela elevação moral das afirmações revolucionárias que já foram feitas pelos oradores precedentes, que o comoveram profundamente, dado o seu temperamento de sensibilidade. Deve explicar que não é confiante, como erradamente se supõe, por lhe faltarem as qualidades necessárias para o ser; quando muito, pode ter uma grande, uma forte vontade para procurar dizer, em primeiro lugar, o que sente, e depois o que pensa. Apenas, não fazer uma série de considerações breves o ferroviário em especial e o

etc.? Os patriotas, em certos momentos de agitação partidária, não põem embargo, não olham a escrupulosos na escolha de determinados processos violentos para a vitória da sua causa, para o triunfo das suas ideias. «Que autoridade tem eles para não admitirem que as classes trabalhadoras, como as ferroviárias, não sejam os exemplos de uma extra-frenteira? Miguel Correia termina o seu discurso apelando para a solidariedade, não só das classes ferroviárias, mas de todas, pedindo, mais uma vez, para que lhes sejam reveladas as insuficiências que, porventura, tivesse».

É o camarada Piloto, do S. S., também, que se segue, a quem a assembleia saudou com uma vibrante salva de palmas. Depois de dizer que queria ter a eloquência de Cristiano de Carvalho, do poeta Ariu Botelho e do organizador Miguel Correia, para dizer o que sente, refere-se, antes de mais nada, ao desastre ocorrido na Régua, que originou algumas vítimas, amparo dos seus. Propõe para que, em sinal de profundo sentimento, dessem infelizes camaradas, que não morreram matando, mas trabalhando, a sessão seja suspensa por dois minutos, conservando-se os assistentes em silêncio e de pé.

O desconhecimento dos homens e das coisas — prossegue o orador — tem trazido, não só aos ferroviários como a todas as classes, uma má compreensão. Assim, há quem afirme que aqueles que se revoltam contra as prepotências desta sociedade mal constituída são uns selvagens, uns bárbaros; e, afinal, não são só mais do que uns puros sentimentalistas.

Mas quando ao sentimentalismo simples se junta, se agrega o sentimentalismo revolucionário, o homem consciente não pode consentir violências. Contudo, isto não significa que ele tenha de ser covarde; é por isso mesmo que os ferroviários do Sul e Sueste, como o demais pessoal das outras linhas, que são as veias dum corpo, o social e económico, não podem ficar indiferentes ante a opressão inquisitorial dum ditador militar. Falam de desordens; há sim desordens, mas estes encontram-se nas classes prepotentes e dirigentes. A revolução não é a violência sistemática e premeditada; ela estende-se, ela alarga-se, a todos os campos, desde o da ciência ao da arte, desde a filosofia ao da literatura. Franklin, descobrindo o pára-raios, foi um revolucionário, pois obrigou a que a fúria viesse cair a um determinado ponto convergente.

Até neste momento, Sacadura Cabral e Gago Coutinho, que positivamente não são extremistas, estão fazendo uma obra revolucionária com a sua viagem aérea, desvendando ainda mais os segredos dos caminhos celestes e elevando o nome português. Quem, no futuro, mais ou menos próximo, existir, verá que na construção dum nova sociedade não andará empenhada sómente os trabalhadores manuais, mas também os intelectuais, numa ligação de cérebros desmoldados e iluminados, porque trabalhadores não são só aqueles que pegam no malho, mas também o que opera no laboratório ou o que pega num livro para ensinar. Anarquistas, como Cristo o fora no seu tempo, que ensinam a amar o próximo, não posso admitir a divisão de castas.

Os ferroviários, principalmente os seus propagandistas, tem sido atacados e até atirados para os forjes da República — daquela República que, nos momentos do perigo, têm defendido enquanto os republicanos fogem covardemente — por pregar a verdadeira trilogia da igualdade, fraternidade e liberdade. Foram esses que se atiraram a lutar militar. Dada a revolução de 19 de Outubro, houve quem falasse aos perseguidos para, como desforra, aproveitarem o momento a fim de ceivarem os seus ódios. E enquanto em Lisboa covardemente se procedia à chacina de eminentes vultos da República, os ferroviários do S. e S. repudiavam o infame conselho, apesar de serem acusados de bolchevistas. Daqui se infere que os desordeiros não são os operários, e, portanto, os ferroviários. Desordeiros são os que tem, fechados nos seus armazens, tudo aquilo que faz falta à alimentação do povo esfomeado, preferindo o seu apodrecimento; desordeiros são os que cercam a cidade de Lisboa para a metralharem, sem se importarem que na carnificina mongólica se imolassem milhares de vítimas inocentes, milhares de crianças; desordeiros são aqueles que deixam a saque os cofres públicos e furtam os escadotes dos Transportes Marítimos do Estado.

Demonstrando que a constituição tem sido um perfeito farrapo retalhado pelos republicanos, que mais obrigação tinham de a respeitar, alude às arbitrariedades cometidas para com os presos de S. Júlio da Barra e Sacavém, onde, contra as disposições constitucionais, estiveram uma infinidade de dias sem culpa formada. «Quais são mais criminosos? Os operários que sofrem todas as violências, ou aqueles que devem apanhar as leis, não as respeitam, para depois exigirem o cumprimento delas aos outros?»

Há um grande erro que é preciso desfazer: é aquele que leva o operariado a não olhar bem os intelectuais, é aquele que leva estes a não saírem da sua torre de marfim, quando devem colaborar na libertação e salvação das populações escravizadas. Quando se chegar à verdadeira compreensão dos factos e das doutrinas de emancipação intelectual e humana, então o mundo modificar-se-á, inevitavelmente.

A propósito das dissidências do M. e D. que critica com energia, cita os exemplos do S. S. Embora também lá haja más fadas, pelo menos todos lá estão filiados na associação, porque todos os ferroviários, superiores ou subalternos, devem unir-se para a defesa dos seus interesses comuns.

Nesta assembleia selecta, por exemplo, encontram-se reunidos graduados e não graduados, o que não quer dizer que amanhã não estejam todos no desempenho das suas funções, cada qual dentro das suas funções, cada qual dentro das suas categorias. Termina por se referir a um indivíduo que, tendo a mania de ser presidente de qualquer coisa, fundou um grémio sem importância e um jornal sem valor, porque a sua vaidade desmedida não cabia dentro da Associação; e por falar para a solidariedade de todos os trabalhadores, ferroviários ou não.

João Miguel Figueiredo, como futuro secretário geral da Associação do S. S., saudou todos os ferroviários e declarou que vem estreitar mais os laços de

A BATALHA na provincia e arredores

Cacém

21 DE ABRIL

Como eles se desmascaram

De há muito que existe aqui um lugar de frutas e hortaliças cujo proprietário, apanhando-se só, vendia tudo por bom preço. Acontece, porém, agora, que mais alguém se mete a aquele ramo de negócio.

É ver agora o homenzinho! Sempre mais barato! Se o outro vende por 6, zás, o nosso homem vende por 5!!! E vê-lo sempre a descer...

Ainda bem. Pena é, que o que se dá com aquele ramo, se não é de todo o comércio.

A ver se assim havia mais um pouco de critério... — C.

Monção

21 DE ABRIL

A viagem aérea Lisboa-Rio de Janeiro

A's cinco horas da tarde de quinta-feira última foi aqui conhecida a chegada dos heróicos aviadores a águas de Santa-Cruz, pelo que a população desta vila se manifestou em ruídos entusiásticos. Não sabemos descrever o que se passou nesse instante; nunca assistimos a uma manifestação tão grande. E bandeiraram todas as associações, estabelecimentos militares e edifícios do Estado, com excepção da Câmara que não se importou com a falta da corda do mastro; foi preciso que uma comissão se cotizasse para a compra da referida corda que foi oferecida, vindo-se depois das dez da noite a respectiva bandeira a flutuar! É o facto a confirmação do desejo e o que os camaristas tratam o que tem a seu cuidado; a falta da corda do fio assumo de amargos comentários, especialmente para o celebre José Brandão, que está a servir de presidente da Câmara. Onde ele se meter é azeite salado e isto por que é um incompetente e um mau. Não tem uma qualidade que se aproveite...

Nas repartições públicas

Não continuamos com os feitos da repartição de fazenda por que acedemos aos rogos de um amigo que muito presamos. Esperamos nova ocasião.

Espectáculos

O grupo dos artistas de Monção, preparava-se para dar novo espectáculo no Teatro, muito brevemente, revertendo o produto para compra de material dos Bombeiros. — C.

Praia da Nazaré

21 DE ABRIL

A Câmara Municipal desta vila falta ao cumprimento dos seus deveres

Alguem nos pede para tornarmos público a forma abusiva e deprimente como a Câmara Municipal desta localidade trata o respectivo pessoal da limpeza. Efectivamente os actos praticados pela referida câmara são de molde a justificar qualquer reclamação ou protesto, por mais enérgico que ele seja, porquanto a sua conduta até hoje verificada não patencia um verdadeiro acto administrativo ou um fundo de moral que mereçam o mais pálido adjectivo, mas sim, aliás, revela enorme desdém de critério e bom senso, roçando pelo... escandaloso.

Esta câmara, que há tempo espontaneamente concedeu aumento de ordenado ao pessoal burocrático respectivo, — aumento este justificável em alguns componentes do referido pessoal, obstina-se em negar aos seus operários da limpeza, um dos seus mais legítimos direitos: o de um máximo de 8 horas de trabalho, obrigando-os a trabalhar de sol a sol e cumulativamente sujeitos a uma disciplina quase militar, pelo que os referidos operários se julgam material e moralmente prejudicados!

Outrosim somos informados de que o camarada Francisco d'Oliveira Nascimento, velho empregado da referida câmara, foi há dias despedido pela mesma, sob a acusação de ter feito insinuações desprestigiadoras para esta, acusação que o incriminado considera insubsistente e fementida, presumindo ser alvo de uma vingança mesquinha pelo simples facto de não ir votar na passada eleição camarária.

Soma... e segue.

Uma arbitrariedade

Manuel Remição, ex-pescador e hoje escrivão da capitania do porto desta localidade, é o indivíduo de quem por momentos nos vamos ocupar e sobre quem pesa a responsabilidade de mais um acto de infame despotismo e iniquidade a juntar aos muitos de que ele já já velho usureiro e veseiro, actos nos quais muito gente que o conhece e com ele privam vêem a tradução pura e simples de dois reagentes de carácter mental ou psicológico: — anormalidade.

Hoje, no Foz, em duas sessões, repete-se a revista Giga-Joga, com essa sensacional atracção.

CARTAZ DO DIA

S. CARLOS — A's 21 — Duas Causas. NACIONAL — A's 21, 15 — Luta e variedades. S. LUIS — A's 21 — A Lenda dos Tártaros.

POLITEAMA — A's 21, 30 — Mulher que passa. AVENIDA — A's 21 — O Toureador. SALÃO FOZ — A's 20, 45 e 22, 30 — Giga-Joga. APOLO — A's 21, 15 — Belo Sexo. COLISEU — A's 21, 15 — Luta e variedades. A's 15 — Concerto sinfónico. GIL VICENTE — A's 21 — Domingos, segundas e quintas-feiras a revista Pim-pam-pum. OLIMPIA (Rua dos Coadros) — Animadgrafo. CONDES (Avenida) — Animadgrafo. CENTRAL (Avenida) — Animadgrafo. CHANTECLER (Avenida) — Animadgrafo. IDEAL (Loretto) — Animadgrafo. PROMOTORA (ao Calvário) — Animadgrafo. JARDIM ZOOLOGICO — Exposição permanente.

Compra		Venda
Libra esterlina.....	61800	62500
Paris.....	18170	18200
Italia.....	4980	4990
Belgica.....	26075	26110
Suiza.....	26075	26110
Espanha.....	18520	20100
Berlim.....	4045	4060
Holanda.....	4761	4815
New-York.....	12801	12977

QUARTO

PRECISA-SE, trata-se nas escadilhas do Monte, 6.

Relógios

mais baratas só na Relojoaria Cruz Rua de Santa Marta, 32

Aos nossos assinantes de Lisboa

Solicitamos aos nossos estimáveis assinantes de Lisboa a fineza de prevenirem as suas famílias, afim destas satisfazerem as importâncias das suas assinaturas, evitando assim que o cobrador tenha que os procurar várias vezes, o que agrava as precárias finanças de A BATALHA.

Horários dos comboios

Linha de Sintra

Partidas do Rossio para Sintra às 6-10, 7-30, 8-30, 9-10, 10-30, 11-40, 12-30, 13-30, 14-30, 15-30, 16-30, 17-30, 18-30, 19-30, 20-30, 21-30, 22-30, 23-30, 24-30.

Chegadas a Sintra às 7-25, 11-27, 12-5, 15-15, 16-30, 17-30, 18-30, 19-30, 20-30, 21-30, 22-30, 23-30, 24-30.

Partidas de Sintra para o Rossio às 6-10, 7-30, 8-30, 9-10, 10-30, 11-40, 12-30, 13-30, 14-30, 15-30, 16-30, 17-30, 18-30, 19-30, 20-30, 21-30, 22-30, 23-30, 24-30.

Chegadas ao Rossio às 7-30, 8-30, 9-10, 10-30, 11-40, 12-30, 13-30, 14-30, 15-30, 16-30, 17-30, 18-30, 19-30, 20-30, 21-30, 22-30, 23-30, 24-30.

a) Não se efectua aos domingos e dias feriados. — b) Não se efectua aos domingos e dias feriados. — c) Não se efectua aos domingos e dias feriados. — d) Não se efectua aos domingos e dias feriados.

A BATALHA

Encontra-se à venda em todo o país, nas tabacarias, quiosques e outros locais de venda de todas as publicações.

Nas ruas e nos comboios pegam-na aos vendedores de jornais.

Aceitam-se agentes e correspondentes nas terras onde ainda os não haja.

Motores de explosão

Encontra-se à venda na Secção de Livraria de A Batalha, a 3.ª edição desta magnifica obra. Preço 6\$50. Pelo correio registada 6\$90.

Casa na baixa

Ou proximidades, para residência, dá-se trespassa. Resposta para a rua das Canaças, 17, 1.ª (A S.).

Carpinteiros

Com prática de oficina, precisam-se na Rua dos Correios, 119.

Sapateiro

Precisam-se oficiais e aprendizes para obra pontada de menina. Paga-se 1\$00 mais que a tabela, e a oficiais de sandálias, paga-se bem.

Rua do Benfornoso, n.º 100, 4.º, Di. reito.

POLICLINICA DE ALCANTARA

Rua da Torre da Pólvora, 6 (A' esquina da Calçada da Pampulha)

Clirurgia geral — Dr. Sabino Pereira, às 12 horas.
Medicina geral — Dr. Castro Rola Pereira, interno dos hospitais, às 10 horas.
Doenças da boca e dentes — Dr. Júlio Gonçalves, chefe de serviço odontológico do Hospital da Marinha, às 15 horas.
Doenças das crianças — Dr. Luis Barata, interno dos hospitais, às 15 horas.
Doenças da garganta, nariz e ouvidos — Dr. Sousa Pereira, às 14 horas.
Doenças dos olhos — Dr. Sertório Sousa, especialista por Bordeaux e Halle (Alemanha), às 10 horas.
Doenças da pele e sífilis — Dr. Meneses Sampaio, especializado pela Faculdade de Medicina de Paris, às 14 horas.
Doenças dos rins e vias urinárias — Dr. Matos Ferreira, interno do serviço interno do Hospital de S. José, às 10,30 horas.
Doenças das senhoras — Dr. João Almeida, interno dos hospitais, às 14 horas.
Aplicações eléctricas, massagens, mecanoterapia, aparelhos ortopédicos e gaseados — Dr. F. de Miranda, chefe dos serviços ortopédicos da Faculdade de Medicina de Lisboa.
Ginecologia médica — Dr. Elias Baruel.
Análises clinicas — Dr. Luis Figueira, assistente do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana.
Raios X — Dr. Branco Gentil, assistente do Serviço Radiológico do Hospital de Santa Marta.

NOTA — A Policlínica tem sala para intervenções cirúrgicas

Serviço de vacinas às quintas-feiras

Uma chávena de cacau da

S I C

vale mais como alimento, que 5 chávenas de café, e não é prejudicial à saúde como este.

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

SEMPRE OS QUE MAIOR SORTIDO TEM E MAIS BARATO VENDEM!

Todas as suas compras, na origem e ás primeiras fábricas! Todas as suas compras a pronto pagamento!

Compras directas, sem intermediários, pelas suas casas compradoras nas principais cidades e centros fabris do mundo!

Tudo vendido directamente ao público para mais barato venderem sempre, conjuntamente com os produtos das suas importantes

FÁBRICAS DE Lãs, SEDAS, LANIFICIOS, TECIDOS DE ALGODÃO, MALHAS E OUTRAS

cujos produtos não têm rival, vendendo-se como por encanto, tal a novidade e perfeição do seu fabrico, tais os preços por que os vendemos!

Comprar nos Grandes Armazens do Chiado ou nas suas 21 filiais, é realizar uma economia de 20 a 50% pelo menos, na maioria dos artigos!

Secção de Estofador

— Exposição permanente de mobiliários em todos os estilos!
— Grande sortido de cassas, cretonas, tapeçarias, moléres, veludos, setinetas e outros artigos próprios para estofos!
— Mobiliários em todos os géneros ao alcance de todas as algebras!
— Visitem esta importante secção no primeiro andar.

Cassas e Estamines inglesas, com mais finos

Metro, 3\$600 e... 2\$450
Zetires e Cretones para camisas, lindos desenhos e cores inalteráveis, grandioso sortido. Metro, 4\$250 e... 2\$200
Americanas, lindo tecido, verdadeira imitação de lã, grande largura. Metro, 2\$000
Percalinas belgas, bons desenhos e óptimas qualidades, sortido colossal. Metro, 1\$250 e...

Cheviotes e Casemiras, padrões de novidade, sortido colossal para fatos.

Metro, desde... 11\$000
Fatinhos de lindos tecidos de fantasia, enorme sortido para crianças, desde... 6\$500
Fatos de belos cheviotes, padrões de novidade para homem, a... 5\$500
Fatos de casemira, padrões ingleses, superior qualidade, para homem, a... 7\$500

Meias de algodão finas, em preto e cores, para senhora, a 950 e...

Meias de redeline e fio do Egipto, em preto e cores, para senhora, a 6\$500, 4\$500 e... 3\$300
Meias de seda em cores e preto, para senhora, a 8\$500, 7\$500 e... 5\$500
Peúgas em preto, cores e com fantasia, para homem, a 1\$250, 1\$000, 950, 750 e... 450

Sapatos de diversas qualidades para senhora, a 16\$000, 12\$000 e...

Sapatos de verniz para senhora. 17\$500
Botas de vitela branca para homem, preço de reclame, a... 19\$400
Botas de cal para homem, sortido colossal, a 24\$000 e... 20\$000
— Completo sortido em calçado fino em todos os géneros, para homem, senhora e criança!

Da nossa fabrica de chapéus!

Chapéus de palha, modelos ingleses e americanos, bons forros e fitas de seda, para homem, desde... 9\$500
Formas de palha, modelos parisienses, em picot, tagal, tiseret e de arroz. Desde... 8\$500
Formas de linol, grande variedade de modelos, tudo quanto há de mais chic para a presente estação, desde... 2\$250

Louças de faianças

Pratos para sopa e guardanapo, estampados, a... 400
Chavenas e pires para café, a... 650
Chavenas e pires para chá, a... 900
Tigelas de faiança, para caldo, a... 400
Canecas de faiança, grandes, a... 550
Jarros de faiança, para água, a... 1\$200

Vidros e cristais

Copos para vinho de mesa, a... 300
Copos para água, a... 500
Pratos para frutas secas, a... 600
Palmarinas formato muito elegante, a... 900
Solitários, com lindas pinturas, a... 450
Garrafas para vinho de mesa, a... 1\$350

Ferragens e cutelarias

Faqueiros completos, com 48 peças, por... 22\$000
Balanças de família, (muito certas), a... 13\$500
Lamparinas para alcool, enorme sortido, a... 1\$500
Esmagadores para batatas, a... 3\$250
Rolos para massa, a... 1\$600
Martelos para bater bifes, a... 800

Bengalas e sombrinhas

Sticks em cabedal, diversas cores, a... 3\$750
Bengalas, diversos modelos chics, a... 4\$500
Bengalas em malaca, o que há de melhor, a... 2\$5800
Sombrinhas de lindos tecidos de fantasia, a... 12\$500
Sombrinhas de seda, lindas cores, cabos de grande fantasia, a... 42\$000
Guarda-chuvas, tecidos de algodão, para homem, a 15\$000

Bazar e perfumarias

Sabonetes finos, diversos aromas, a... 50
Pó de arroz Violeta, pacote 220 mas, a... 220
Pastas para dentes «Coral», uma das melhores marcas, tubo 950 desde... 550
Pirillaus, brinquedo muito interessante, a... 750
Bebês de pasta, brinquedo muito perfeito, enorme sortido, desde... 1\$800

Papelaria e fotografia

Caixas de papel para cartas, 50 folhas e 50 envelopes, por... 1\$900
Papel higiénico, cada maço 200
Lapis diversas marcas, desde 50
Albums para fotografia, a 4\$200
Tratado de fotografia, mais completo, a... 120
Viragem para papel brumeto, todos os tons, tubo... 2\$200

Discos e gramofones

Discos de double face, assuntos portugueses e estrangeiros, variedade infinita de canções, fados, danças, operas, etc., etc., desde... 4\$000
Gramofones dos melhores autores suíços, alemães e americanos, com campainha e sem campainha, enorme sortido, desde... 70\$000
Visitem esta importante secção

Artigos de mercearia

Chá preto inglês, paladar delicioso, kilo... 6\$000
Café família, qualidade de fino paladar, kilo... 2\$000
Café Chiado, qualidade especial da nossa casa, kilo... 2\$600
Vinho lito de Caravelos, especial, em garrafas de 5 litros, litro... 600
Champagne especial, doce, meio doce e seco, garrafa... 6\$300
Azeite finissimo para prato, litro... 5\$600

Almoços e chás concerto, todos os dias, na nossa importante secção de pastelaria e restaurante, instalada na rua do Carmo

Almoços a 4\$000. Hors d'Oeuvre e dois pratos á escolha, doce e fruta! Serviço esmeradíssimo de restaurante e pastelaria! Todas as tardes chás elegantes!

Novas remessas de tecidos de algodão vaporosos lindos! Novas remessas de lãs da mais alta novidade! Novas avalanches de artigos para a confecção de chapéus!

Mais sedas deslumbrantes da nossa fabrica! — Rendas, laises, tules, voilettes, novas remessas das novidades mais sensacionais!

Tudo será exposto á venda amanhã, segunda-feira nas importantes secções dos **GRANDES ARMAZENS DO CHIADO**

Serviço de livraria

DE

A BATALHA

Na Administração deste diário operário encontram-se á venda todas as obras de educação profissional, de sciencia, filosofia, sociologia, higiene e esperanto; brochuras e folhetos de propaganda sindicalista, anarquista, comunista e socialista; romances sociais, teatro livre, canções sociais e revolucionárias, postais ilustrados, retratos de propagandistas operários, livros operários, etc.

Além das obras que anunciamos, satisfazem-se todas as encomendas de quaisquer quantidades de livros, que venham acompanhadas das respectivas importâncias, acrescidas de 10 por cento para porte do correio e mais \$10 para registo.

Auxilia-se A Batalha, adquirindo todos os livros por intermédio da administração da mesma.

Não se enviam livros á cobrança pelo correio.

Todos os pedidos de livros, acompanhados das respectivas importâncias, devem ser endereçados ao Serviço de livraria de «A BATALHA».

CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º ANDAR

Lisboa-Portugal

Calçado

Procurem como quiserem: na Sapataria do Calhariz vende-se tudo isso muito mais barato.

Há alguém que venda botas de superior calf preto ou de cor, a... 20\$00?
Botas da moda com 2 solas corridas, salto razo, a... 31\$50?
Botas de calf preto com 2 ponteados, resistente a todo o tempo, a... 31\$00?
Sapatos de superior calf preto para senhora, a... 11\$00?
Sapatos de verniz desde... 16\$00?
Etc., etc., etc.

Há, mas só na Sapataria do Calhariz Verifiquem que não perdem com isso, 33, Largo do Calhariz, 33

Nicolau Gomes Correa

ALFAIATE-MERCADOR

Grande sortido de lanificios para homem e senhora, comprados directamente nas fábricas, o que lhe permite vender mais barato. Grande variedade de sobretudos e capas á alemã-japonesa. Casacos para senhora já confeccionados. — AVIAMENTOS — PARAALFAIATES

Rua dos Fanqueiros, 255

Quereis o vosso relógio

concer-tado com garantia e por preço módico? Leve-o ao

33 de S.º André

actualmente Largo Rodrigues de Freitas, 33 (em frente do chafariz)

OFICINA DE RELOJÓEIRO E OUVRES

ALVES D'ANDRADE, L. da

FORMIOL

TONICO MUSCULAR

REGISTADO



Medicamento de extracção nobre na cura de fraqueza geral, fraqueza cerebral, avanço a memória e evitamento de neurastenia. Os seus maravilhosos efeitos são absolutamente garantidos no tratamento da anemia, tuberculose, fraqueza genital, doenças do coração e pulmões, afecções nervosas, suores nocturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminaes, escrofalias, linfismos, raquitismo, atrechos ossas, distensões laboriosas e fraqueza semi-tonica por excessão do sistema nervoso e muscular, multiplicando as forças e evitando a

que se tem tratado das doenças indicadas e sempre com optimos resultados. Não tem deus. A venda em todas as boas farmacias e drograrias. Preço: 5 escudos. Correio, até 2 francos, mais 50 centavos.

Depositar em Lisboa: Farmacia Barral, R. do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60; Azeredo, Rocio, 31; Quintana, R. da Prata, 185; P. Porto: Farmacia Barra, R. da Prata, 185; Farmacia Bastos, R. da Misericórdia, 121; Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericórdia, 14; Braga: Instituto Galenico, Praça do Conde d'Avroulho, 25; Évora: Farmacia Ferro, R. João de Deus, 55; Faro: Bandeira & C.ª, R. de Santo Antonio, 50; AFRICA OCCIDENTAL - S. Tomé: José Pedro da Fonseca, R. General Calheiros; Loanda: Serra, Annes & Irmao; Benguela: Farmacia Continental.

DEPOSITO GERAL - Farmacia Albano

57, R. da Escola Politécnica, 59 - Lisboa

A Crise do Socialismo

Brochura de grande actualidade por AUGUSTIN HAMON

Encontra-se já á venda nas livrarias, tabacarias e quiosques.

PREÇO \$40

A COMUNA

Semanário Comunista Libertário

Redacção e Administração

Rua do Sol, 131 - PORTO

Sua evolução. — Sua situação presente. — Suas causas. — Seus efeitos. — O futuro.

Origem — Instituições — Avenir

Preço 7 francos — Sete escudos. A venda na Administração de A Batalha.

18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 69

BREVEMENTE

Inauguração da Secção de Calçado

NA

Havaneza do Sacramento

Rua do Sacramento, 19 e 21 (Alcantara)

O proprietário desta casa, António de Sá Junor, que é um dos muitos amigos de A Batalha, aconselha o povo a procurar os seus estabelecimentos, pois que se encontra na disposição de combater os assemblageiros.

Aos trabalhadores organizados, mediante apresentação de caderneta sindical, far-se-á um desconto de 5 00 para o aumento de 3 00 para os socios das cooperativas e sindicatos, e 1 00 para A Batalha, a pronto pagamento, exceptuando jornais, livros, illustrações, tubos, maquiagem e outros artigos. Estas condições vigoram também nas seguintes casas:

5 00 para a cooperativa

3 00 para o socio

1 00 para A Batalha

N. B. — O fornecimento a 6 meses, por enquanto, só se refere ao calçado.

Todos os outros artigos tem o desconto de 3 00 para os socios das cooperativas e sindicatos, e 1 00 para A Batalha, a pronto pagamento, exceptuando jornais, livros, illustrações, tubos, maquiagem e outros artigos. Estas condições vigoram também nas seguintes casas:

5 00 para a cooperativa

3 00 para o socio

1 00 para A Batalha

N. B. — O fornecimento a 6 meses, por enquanto, só se refere ao calçado.

Todos os outros artigos tem o desconto de 3 00 para os socios das cooperativas e sindicatos, e 1 00 para A Batalha, a pronto pagamento, exceptuando jornais, livros, illustrações, tubos, maquiagem e outros artigos. Estas condições vigoram também nas seguintes casas:

5 00 para a cooperativa

3 00 para o socio

1 00 para A Batalha

N. B. — O fornecimento a 6 meses, por enquanto, só se refere ao calçado.

Todos os outros artigos tem o desconto de 3 00 para os socios das cooperativas e sindicatos, e 1 00 para A Batalha, a pronto pagamento, exceptuando jornais, livros, illustrações, tubos, maquiagem e outros artigos. Estas condições vigoram também nas seguintes casas:

5 00 para a cooperativa

3 00 para o socio

1 00 para A Batalha

N. B. — O fornecimento a 6 meses, por enquanto, só se refere ao calçado.

Todos os outros artigos tem o desconto de 3 00 para os socios das cooperativas e sindicatos, e 1 00 para A Batalha, a pronto pagamento, exceptuando jornais, livros, illustrações, tubos, maquiagem e outros artigos. Estas condições vigoram também nas seguintes casas:

5 00 para a cooperativa

3 00 para o socio

1 00 para A Batalha

N. B. — O fornecimento a 6 meses, por enquanto, só se refere ao calçado.

Todos os outros artigos tem o desconto de 3 00 para os socios das cooperativas e sindicatos, e 1 00 para A Batalha, a pronto pagamento, exceptuando jornais, livros, illustrações, tubos, maquiagem e outros artigos. Estas condições vigoram também nas seguintes casas:

5 00 para a cooperativa

3 00 para o socio

1 00 para A Batalha

N. B. — O fornecimento a 6 meses, por enquanto, só se refere ao calçado.

Todos os outros artigos tem o desconto de 3 00 para os socios das cooperativas e sindicatos, e 1 00 para A Batalha, a pronto pagamento, exceptuando jornais, livros, illustrações, tubos, maquiagem e outros artigos. Estas condições vigoram também nas seguintes casas:

5 00 para a cooperativa

3 00 para o socio

1 00 para A Batalha

N. B. — O fornecimento a 6 meses, por enquanto, só se refere ao calçado.

Todos os outros artigos tem o desconto de 3 00 para os socios das cooperativas e sindicatos, e 1 00 para A Batalha, a pronto pagamento, exceptuando jornais, livros, illustrações, tubos, maquiagem e outros artigos. Estas condições vigoram também nas seguintes casas:

5 00 para a cooperativa

3 00 para o socio

1 00 para A Batalha

N. B. — O fornecimento a 6 meses, por enquanto, só se refere ao calçado.

Todos os outros artigos tem o desconto de 3 00 para os socios das cooperativas e sindicatos, e 1 00 para A Batalha, a pronto pagamento, exceptuando jornais, livros, illustrações, tubos, maquiagem e outros artigos. Estas condições vigoram também nas seguintes casas:

5 00 para a cooperativa

3 00 para o socio

1 00 para A Batalha

Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinaes ultra-elegantes

Cura rapidamente

Catarras, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressa a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais pratico dos fumos e de quem com elles conviver, evita-lhes o oneroso e o odoroso, gastrico.

2.º Usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a carie dentaria e por todas as pessoas que tem de suportar oscuros dardidos porque as defende de contagios perigosos.

3.º São usadas pelas pessoas doentes, pelas asthmaticas ou que sofrem de bronquites crónicas, porque limpando o pigarro abre-lhes o appetite e permite-lhes sonos reparadores seguis.

4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, aciona a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelas que cantam ou falam em publico.

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenda a acção nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com elles conviver, evita-lhes o oneroso e o odoroso, gastrico.

6.º Desentorpe o cerebro fatigado, activa as faculdades intellectuaes, evitando a surmugue cerebral. Usadas por todos os que pensam muito.

7.º Usadas pelas pessoas que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque o fumo sanean o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, preservando-as das doenças contagiosas, ta como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, diptheria, anginas, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos

Fórmula n.º 3 (fortissimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com selo VITERI: as suas condições de venda são as seguintes:

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª

Rua dos Fanqueiros, 84, I.º D.

ASSALTOS, GREVES E TUMULTOS

ÚTIL A TODOS

A MUNDIAL, mercê de contratos firmados com as mais poderosas

Companhias de resseguros estrangeiras, está actualmente em condições de

efectuare estes seguros, que tanto lhe tem sido solicitados pela sua numerosa

clientela.

Dirigir pedidos e informações á

Companhia de Seguros A MUNDIAL

Capital 500.000\$00 — Reservas: 640.696\$14,7

SEDE EM LISBOA

DELEGAÇÃO NO PORTO

R. Sá da Bandeira, 331, I.º

Rua Garrett, 95 — Tel. 4084

Tel. 1459

Estipulação comercial, industrial e agrícola

Correspondência em linguas estrangeiras ou traducções

Antigo contabilista, conhecendo bem as principais lin-

guas, actualmente disponível

Dirigir á Machado, administração do diário A Batalha

Banco Colonial Portugues

Soc. Anon. Resp. Lim.

Capital Esc. 20.000.000\$00

Está á pagamento até 30 do corrente a 2.ª prestação da última emissão de acções deste Banco.

Conforme as condições publicadas se declara que é de 20% a deducção a realizar no número de acções tomadas por subscritores não acionistas, quando esse número exceda o de 50 acções por cada subscritor.

Aos accionistas, além das acções que como tais subscreverem, ficam garantidas as que subscreverem com direito preferencial, qualquer que seja o seu número.

Lisbo, 19 de Abril de 1922.

o Banco Colonial Portugues.

(a) Henrique Ferreira

Director

(a) Pedro Thom

Gerente

ESPARTACO

A administração de A BATA-

LHA acaba de adquirir 16 exem-